

ARTE E EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO MEIO DE INSERÇÃO DE EGRESSOS DA FUNDAÇÃO CASA NO MERCADO DE TRABALHO

Alice Lima Bordini Dias¹

talice685@gmail.com

Anna Caroline Lima dos Santos

annalimaa001@gmail.com

Emilly de Andrade Quirino

emillyqa@gmail.com

Gabriel Antonio Vieira Cordeiro

gabrielcordend@gmail.com

Isabela Monteiro Espíndola dos Santos

misabela2005@gmail.com

RESUMO: Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou informar sobre as condições de jovens egressos da Fundação CASA e sua inclusão no mercado de trabalho. Neste artigo, as pesquisas foram focadas em apresentar os problemas da Fundação CASA em relação ao tratamento com os menores, além de projetos sociais voltados para o apoio a estes jovens após cumprimento das medidas socioeducativas. A coleta de dados ao longo do trabalho permitiu uma visão de mudança a partir da arte para os egressos e a importância desta como instrumento de ressocialização. Concluiu-se que o ensino da arte, conjuntamente com os projetos sociais, são ferramentas eficazes para a transformação do cenário de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens Egressos; Fundação CASA; Ressocialização; Arte; Projetos Sociais.

ABSTRACT: This present academic work seeks to inform about the real conditions of teenagers that fulfilled a sentence at Fundação Casa and their inclusion at the job market. In this article, the research was mainly focused on presenting Fundação CASA's problems relating to the treatment of minors, added to social projects aimed at supporting these young people after complying with socio-educational measures. Data collection methods throughout the research allowed a vision of change from art to the graduates and the importance of this as an instrument of resocialization. It was concluded that teaching art, allied with social projects, are effective tools for transforming the life scenario.

¹ Alunos do Ensino Técnico em Administração integrado ao Ensino Médio, na Etec de Poá, Poá/SP, Centro Paula Souza. Orientados pela Profa. Tânia Regina Cirillo.

KEY-WORDS: Teenagers Detainees; Fundação CASA; Ressocialization; Art; Social Projects.

INTRODUÇÃO

Semelhante a adultos que cometeram atos infracionais e passaram pelo sistema penitenciário, jovens carregam consigo estigmas sociais, mesmo em condições diferentes de ressocialização e direitos, sendo regidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Após cumprirem as medidas socioeducativas e saírem da Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente do Estado de São Paulo), esses jovens são encarados pela sociedade com um olhar negativo e tem suas oportunidades limitadas ou inexistentes, conforme afirma Leonardo (2015).

Partindo deste cenário, esta pesquisa trata da inserção de jovens no mercado de trabalho através da arte e do Empreendedorismo social, a partir do seguinte roteiro:

Questão orientadora: Quais meios podem ser usados para inserir jovens egressos da Fundação CASA no mercado de trabalho?

Objetivo geral: Apontar soluções criativas para a inserção de egressos, da Fundação CASA, no mercado de trabalho, através de ações sociais que incentivem o empreendedorismo na região sudeste do Brasil.

Objetivos específicos:

Investigar a realidade atual dos jovens egressos da Fundação CASA no mercado de trabalho e da ressocialização.

Identificar possíveis padrões que interfiram na eficácia das medidas socioeducativas/ ressocialização.

Selecionar e conhecer os principais projetos sociais, promovidos na região Sudeste, que incentivam esses jovens a obterem renda através do Empreendedorismo.

Hipótese:

O empreendedorismo social e a arte podem mudar a realidade de um jovem que passou pela Fundação Casa, facilitando sua inserção no mercado de trabalho.

Justificativas:

Justificativa social:

O presente trabalho se justifica por apontar possíveis soluções, como o acolhimento dos jovens marginalizados pela sociedade. Como resultado de uma sociedade que fornece apoio, educação e oportunidades, teríamos a diminuição dos casos de reincidência à criminalidade e até da desigualdade social.

Justificativas pessoais:

Alice: Vendo como o sistema penitenciário brasileiro é no momento em que jovens precisam se inserir novamente na sociedade depois de infringir a lei, constato que acabam passando por problemas, são generalizados pela sociedade e muitas vezes não conseguem maneira de ter uma renda própria ou se manter. Então, vi nesta pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) uma forma de diminuir ou mudar isso para os jovens através da arte.

Anna: Partindo-se da problemática em que jovens que sofrem com a desigualdade e passaram pelo sistema penitenciário, se tornam a raiz de outros problemas da sociedade como os índices de furtos, violência e tráfico; o tema me atraiu justamente por se tratar da vulnerabilidade de jovens em uma posição de reeducando. A missão é achar uma forma onde a arte e o Empreendedorismo Social possam inserir essas pessoas no mercado de trabalho e mudar o futuro delas.

Emilly: Partindo de um olhar mais atento para o Empreendedorismo social como forma de gerar renda para pessoas nas mais variadas situações de vulnerabilidade, chegamos aos jovens egressos da Fundação CASA. Esse tema me chamou atenção pela importância que carrega ao olhar para pessoas muito jovens que, embora tenham tomado decisões incorretas, ainda possuem um futuro pela frente. E ainda, a responsabilidade da sociedade em acolhê-los e ajudá-los, tornando possível essa mudança de realidade. Qual ferramenta é melhor do que a arte para mudar vidas e gerar oportunidades?!

Gabriel: A escolha do tema foi partindo de algo que poderia mudar a sociedade como um todo, e assim nós focamos primeiramente na ressocialização de egressos como a parte central. A escolha da arte como o instrumento para poder ressocializar me interessou por ser algo com vários aspectos diferentes, enquanto que o público trabalhado serem jovens foi a prioridade principalmente por serem pessoas com um grande futuro pela frente, sendo que o período passado no sistema prisional é um fator que apresenta grandes dificuldades para sua inserção no mercado de trabalho. Por isso, o ensino da arte seria uma oportunidade de aprendizado e ensinaria algo novo para se trabalhar.

Isabela: Desde o início, partimos do pressuposto de que visaríamos uma temática social, que não necessariamente falasse sobre empresas e Contabilidade; o que não tínhamos certeza se seria alcançado pelas exigências do curso. O que me atraiu no tema do nosso grupo foi a possibilidade de colocar em pauta uma temática pouco citada na sociedade e que existe possibilidade de resolução se observada com cautela – e eu, que me sinto tão ligada à arte, me vi nele. Aprecio o fato de trazer essa consciência a quem assistir ao TCC e a eu mesma durante as pesquisas.

Metodologia: pesquisas bibliográficas e documentais, entrevista.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Sistema penitenciário brasileiro para jovens antes de 2006

No Brasil, não existia um regime de leis que abrangesse a reeducação de jovens que cometessem atos infracionais. A gestão da cidade resguardava

o direito de aplicar correções de forma livre. Tais correções eram baseadas na moral da sociedade da época, que via delitos como uma forma de rebeldia e menores não eram considerados pessoas, mas que deveriam ser punidos como adultos.

A mão policial também era pesada. Até o surgimento do Código de Menores, os pequenos delinquentes recebiam o mesmo tratamento dispensado a bandidos, capoeiras, vadios e mendigos. Uma vez capturados, todos eram atirados indiscriminadamente na cadeia. (WESTIN, 2015).

A sociedade, entre os anos 1888, ano da abolição da escravatura, e 1920 sofreu com um grande aumento da população, da miséria e da criminalidade num curto espaço de tempo. Pessoas negras com famílias inteiras, antes escravizados, eram jogados nas ruas, de uma hora para outra, sem trabalho, sem documentos e sem moradia. A urbanização resultante da industrialização também começava a surgir, eram muitas pessoas para poucos empregos.

A situação era ainda bem pior para adolescentes e crianças, elas dificilmente arranjavam empregos, e quando conseguiam, eram majoritariamente de trabalhos pesados em fábricas e trabalhos igualmente tortuosos na agricultura, para eles sobravam poucas opções; morrer de fome, perambular pela cidade, ou roubar.

Notícias criminais protagonizadas por crianças e adolescentes eram corriqueiras na imprensa. Em julho de 1915, o jornal carioca *A Noite* noticiou: “O juiz da 4ª Vara Criminal condenou a um ano e sete meses de prisão um pivete de 12 anos de idade que penetrou na casa número 103 da Rua Barão de Ubá, às 13h, e da lá furtou dinheiro e objeto no valor de 400\$000”. (WESTIN, 2015.)

Isso, no entanto passou a mudar lentamente com o decorrer das décadas e com a obtenção de direitos referentes à proteção da criança e do adolescente. Em 1927, por exemplo, foi assinada a primeira e mais importante das leis de proteção da infância e da adolescência. Instituída pelo presidente Washington Luís, o Código de Menores, previa que menores de 17 de idade eram inimputáveis, só respondiam por seus atos quando completavam 18 anos.

Em 1964, era criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), um projeto do Governo do Estado de São Paulo em parceria com Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, que possuía como pano de fundo um regime militar instaurado no país, que financiou a institucionalização de menores. O projeto constituía em grandes internatos de reabilitação muito parecidos com alguns dos modelos anteriores de prisão juvenil. Os menores eram classificados em dois grupos: que cometiam delitos, furtos e crimes de primeiro grau e eram julgados pela justiça, e os abandonados, jovens que eram recolhidos das ruas por serem órfãos ou não terem pais considerados aptos para criá-los, como afirma Tomisaki (1988).

A Funabem atendia crianças abandonadas e os então chamados “menores infratores”. Baseava-se no Código de Menores de 1927 (revisto em 1979), e previa a internação de crianças e adolescentes apenas para contenção da criminalidade, seguindo a linha da Doutrina de Segurança Nacional. (SPINELLI, 2006, p.23).

Em 1976, com o intuito de atender jovens em conflito com a lei, era criada a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM). Tendo origem na FUNABEM, e substituindo a Fundação Paulista de Promoção Social do Menor (Pró-Menor), a Instituição carregava consigo traços herdados da Ditadura e da repressão, sendo regida por disciplina e contenção, como afirma Spinelli (2006).

Logo esse modelo de sistema se mostrou ineficaz para a ressocialização, pois os internos saíam ainda piores do que quando entravam. Condições precárias de higiene, rebeliões, superlotação, tortura e reincidência marcaram a FEBEM.

Existem vários relatos de funcionários da antiga FEBEM, que contam explicitamente, os meios que utilizavam para corrigir e conseguir a colaboração dos menores.

Raimunda Maria Silva, avó de um adolescente do Tatuapé, internado por roubo, viu sangue na parede da cama do neto quando foi visitá-lo. “Ele disse que apanhou do monitor, estava com a cabeça cortada”, lamenta. (REVISTA ADUSP, 2006, p.25)

Entre 1999 e 2006, eram contabilizados cerca de 10 mil jovens torturados na FEBEM, afirma Alves (2006).

Segundo relatório da Fundacentro (2008), funcionários admitiam agredir internos para conseguir sua cooperação. Para um dos funcionários, existiam duas formas de convencimento dos menores: a agressão e o diálogo, este sendo uma maneira menos cogitada se comparada com a primeira.

Segundo Rovaron (2017), a FUNABEM carregava consigo a ideia de que os jovens deveriam ser habilitados a trabalhar, tornando-se assim, úteis para a nação e não mais marginais ou vadios.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) só entraria em vigor em 1990, no entanto, as múltiplas formas de punir estes menores, infelizmente, vieram muito antes de seus direitos.

Para uma compreensão mais aprofundada acerca das mudanças históricas na aplicação de medidas socioeducativas no Brasil, é necessário entender como a Legislação Brasileira define quem é criança e adolescente. A Lei Federal nº8.069, afirma que:

Art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. [...] Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (BRASIL, 1990).

Partindo da existência desta Lei, do ano de 1990, que constitui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - conjunto de normas que busca assegurar a proteção dos direitos da criança e do adolescente - é possível observar o quão recente é a ideia de menores como sujeitos de direito e dignos de proteção.

Antes de qualquer mudança na entidade FEBEM já se discutia a necessidade de uma instituição que se baseasse no ECA, possuindo então, uma abordagem voltada para a ressocialização somada a um projeto pedagógico.

Durante as décadas de 1980 e 1990, pesquisadores como Marlene Guirado (1980), Maria Lúcia Violante (1984), Maria Ignês Bierrenbach (1987), e Roberto da Silva (1997), dentre outros, demonstraram, através de suas pesquisas, que a instituição FEBEM era um fracasso enquanto instância educativa ou de ressocialização, como muitos a ela se referem. Apresentando-a enquanto uma entidade repressiva, violenta e autoritária, os pesquisadores evidenciaram suas práticas de segregação e anulação da individualidade das crianças e adolescentes que por ali passaram (ROVARON, 2017, p.37).

Mesmo sendo alvo de críticas e insatisfação por parte da família dos internos e da mídia, as transformações institucionais do regime que era aplicado passariam a ocorrer somente em 2006, com a criação da Fundação CASA, que surgiria como uma solução inovadora para este sistema ineficaz no qual a FEBEM havia se tornado.

2.1.1 História da Fundação CASA

Após a reestruturação da até então chamada Febem, no segundo semestre de 2006, deu-se espaço a um novo nome. O governador Cláudio Lembo sancionou a lei nº 12.469/2006 que alteraria o nome da Fundação para CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente; em conjunto com a mudança de política de atendimento do Estado de São Paulo, a crianças e adolescentes em conflito com a lei.

Registra-se no site oficial da instituição que: “Era o início de uma nova história”.

O primeiro passo foi a descentralização de criações de novas unidades na capital paulista, aumentando seu número para o interior. Intencionado a cumprir as medidas socioeducativas propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Uma tentativa de desvencilhar-se da imagem manchada da Febem. (SUDRÉ, 2019).

Dados retirados de documentos internos da Fundação, nos mostram que em 2005, em média 80% dos internos do Estado de São Paulo eram atendidos na Capital, e 20% no Interior. Essa concentração de adolescentes dificultava o desenvolvimento de um bom trabalho. Tais documentos nos mostram que a realidade nos dias atuais está se modificando. Os adolescentes são atendidos próximos de suas famílias e vários municípios são incumbidos de recebê-los, mesmo sendo a Fundação CASA ou ONGS subsidiadas pela própria Fundação, que tem a responsabilidade de oferecer o atendimento (OLIVEIRA, 2010).

Os espaços físicos também sofreram modificações, se reorganizando para que a capacidade fosse muito menor do que o número anterior – como já era descrito na resolução 46/96 do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente –, de modo a auxiliar nas medidas socioeducativas durante o

período de internação, no qual é previsto através do artigo 122 do ECA. Conforme documentos da instituição, a proposta pedagógica era fundamentada no respeito ao ser humano e em contribuir para a vida deles quando saíssem dali (OLIVEIRA, 2010).

São quatro gerências da parte pedagógica: o atendimento na área escolar formal, educação profissional, educação física e esportes, e a arte e cultura.

Carmen Sílvia (2012), antiga gerente da arte e cultura, expressa que:

Muita gente acha que é um desperdício de dinheiro, mas é uma possibilidade brilhante. É mexer com conteúdos profundos. Eles fazem coisas lindas, e isso precisa ser divulgado. A sociedade não consegue enxergar suas competências, as coisas boas que esses jovens têm, e ela precisa conseguir ver isso para abrir portas quando eles saírem daqui.

A Fundação CASA atende a jovens, que possuem idade entre 12 e 21 anos incompletos, que cometeram atos infracionais. É uma esperança do Estado de que o indivíduo, uma vez que entre na Fundação, egresso dela ressocializado.

“[...] A gente faz um link com os movimentos sociais da ‘quebrada’, para fazerem uma ação lá dentro. Para que eles saibam que na ‘quebrada’ deles também tem um espaço de cultura. A ideia é pensar na vida do jovem quando ele sair”, Rodrigo Medeiros (2012), que foi coordenador do projeto com a Fundação CASAS na Ação Educativa, assegura.

De acordo com os dados fornecidos pelo Boletim Estatístico da Instituição, referentes a julho de 2021, a Fundação conta com 124 centros de atendimento, distribuídos em 49 municípios; 5090 internos, em sua maioria, do sexo masculino (95,95%), pardos e brancos (respectivamente 58,27% e 26,64%). Os atos infracionais mais recorrentes são: tráfico de drogas (49,94%), e roubo qualificado (33,20%).

“Ressocializar um adolescente é saber sobre ele, sobre o contexto de vida dele, construir vínculos para que a reeducação de fato aconteça [...]” é o que declara Ribeiro (2019), antigo conselheiro do Conanda, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Com base nisso, percebe-se que o objetivo da escolarização dentro de unidades de internação é, não só o de trazer conhecimentos escolares, mas proporcioná-los a construção e o desejo de um novo estilo de vida para quando estiverem de volta à sociedade.

“Só mudou de nome” é o que disseram quatro internos da Fundação numa reportagem realizada pela Brasil de Fato (2019). Isto é, segundo eles, porque a cultura da violência ainda prevalece ali dentro.

O pedagogo Carlos (2012), diz que: “A Fundação CASA nasceu para dar errado.” Explica que os jovens saem de lá ainda mais enfurecidos, achando que as pessoas são todas ruins. Não recebem o respeito que deveriam como seres humanos e que “são tratados como lixo.” Ao fim, completa dizendo que isso faz com que eles pensem que não podem mudar.

Acrescentou que foi punido enquanto atuava em uma unidade do Brás ao ter uma boa relação com os adolescentes; “porque eles confiavam em mim”, relata.

São também relatados casos de internos que recebem medicamentos excessivos e tarja preta, como conta Camilla Gibin (2012):

Nós recebemos muitos relatos de unidades que dopam os meninos. Uma vez, atendi um menino em regime de liberdade assistida, e a unidade encaminhou o medicamento dele. Já na Unidade Básica de Saúde nos informaram que ele não precisava tomar nenhum remédio. Forçavam-no a tomar o remédio para que não causasse nenhum problema, ficasse calmo, porque ele tinha uma postura contestadora, não aceitava os casos de violência.

Renato (2019), agente educacional de uma das unidades da capital, denuncia: “É o modelo antigo da Febem. A Febem não morreu, está mais viva do que nunca. Só mudou o nome. Se tiver um afastamento da mídia e dos direitos humanos, volta tudo”

Através de dados da própria Fundação, é declarado que 27 funcionários – a maioria deles sendo agentes socioeducativos – foram demitidos por agressão aos internos no ano de 2018. O número é 80% maior quando comparado a 2017. (UOL, 2019)

Uma cultura de “boas vindas” que se mantém desde a época da Febem onde os adolescentes são recebidos na instituição com xingos, tapas, chutes, pontapés e cadeiradas dos agentes. (UOL, 2019). “Eles só não batem no rosto para não quebrar. Mas dão socos nas costelas, nas costas”, é o que afirma o consultor comercial Willian Oliveira (2019), ex-interno por um ano.

É importante lembrar que, os internos em sua maioria, são pobres da periferia e de pele preta “O sistema seleciona o mesmo perfil tanto pra adulto quanto pra adolescente”, critica o defensor público, Daniel Secco (2019).

Deziatto (2019), que é conselheiro tutelar, contrapõe a ideia da instituição de ser um lugar acolhedor e educativo.

A Fundação sempre justifica com o argumento da contenção, que os meninos se rebelaram, citam tentativa de tumulto [...] Mas desde quando eu atendo, posso dizer que quase nenhum funcionário sai machucado. São pouquíssimos. Agora os meninos sempre saem machucados, com hematomas, olho roxo, mancando. Eles levam muita bicuda e tapa na cara.

Segundo Ayacaba (2022), o Estado de São Paulo e a Fundação CASA, no ano de 2015, foram condenados a pagar R\$ 3 milhões por torturas à adolescentes na unidade de Guaianazes I. Secco (2022), afirma que todos os internos daquele período (2013-2015), sem exceções, sofreram agressões físicas. A Procuradoria-Geral do Estado recorre da decisão e a Unidade foi desativada no ano de 2021.

A cultura de violência que temos, não somente na Fundação Casa como na sociedade como um todo, vê o adolescente em conflito com a lei como se fosse o culpado por todos os males, quase um não ser humano. Temos muito o que evoluir. Enquanto Fundação Casa, enquanto Justiça, enquanto Defensoria Pública... Temos que evoluir enquanto sociedade como um todo. (SECCO, 2019).

2.2 Os projetos para a inserção profissional dos jovens egressos da Fundação CASA

Visando inserir jovens egressos da Fundação CASA no mercado de trabalho, iniciativas sociais, sejam elas públicas ou privadas, foram criadas para alcançar este objetivo.

Criado em 2009 pelo Governo do Estado de São Paulo, o Programa Estadual de Apoio ao Egresso do Sistema Penitenciário (Pró-Egresso) visa a

reintegração social de detentos em regime semiaberto, por meio de cadastramento no programa “Emprega São Paulo”, que disponibiliza dados de egressos e pré-egressos com base em sua localização e perfil profissional para empregadores cadastrados no projeto, como consta no material de divulgação do Pró-Egresso (2009).

Dentro do Projeto, em parceria com o Centro Paula Souza e o SENAI, os egressos também podem se cadastrar no “Via Rápida Emprego”, com cursos profissionalizantes.

Conforme o decreto estadual nº 55.126/09, os órgãos públicos paulistas possuem o direito de exigir de empresas cadastradas no Pró-Egresso uma quantidade mínima de 5% de ex-detentos em seu quadro funcional. Como consta no website do programa, os benefícios para os empregadores são: “[...] o Pró-Egresso permite o encontro de mão-de-obra qualificada além de permitir que cumpram o fim social impulsionando a reintegração social no Estado de São Paulo.”

Outro projeto social de iniciativa pública, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), criado pelo Governo Federal em 2011, não possui o seu foco apenas em egressos, mas ganha força como uma oportunidade gratuita de egressos conseguirem capacitação profissional.

O Pronatec possui cursos com carga horária mínima de 160 horas, com cursos de Cabeleireiro Assistente, Manicure, Eletricista, Mecânico, entre outros, exigindo como escolaridade mínima o Ensino Fundamental I completo, segundo o seu Guia de Cursos, publicado em 2012.

Para Alencastro (2018), diretor do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), a qualificação e educação profissional são a única forma de fazer com que egressos consigam obter melhores qualidades de vida após serem libertos, para que não retornem às prisões.

Entre os projetos de iniciativa privada, o programa Gerando Falcões, criado por Edu Lyra (empreendedor social e ativista) em 2011, se destaca como uma oportunidade no mercado de trabalho para menores egressos. O projeto atua oferecendo oportunidades de emprego a ex-detentos da Fundação CASA,

com mais de mil egressos tendo passado por qualificação profissional pelo programa, segundo dados do Instituto Recomeçar (2022).

Além da possibilidade de crescimento profissional gerada pelo projeto, ele também resulta numa diminuição em relação aos índices de reincidência criminais nacionais: segundo o INFOPEN - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2019), 42,5% dos egressos voltam em algum momento ao sistema carcerário. Em comparação, em pesquisa feita com os jovens que passaram pela Gerando Falcões, entre 2019 e 2020, apenas 5% reincidiram, representando uma diminuição de 88% em relação à taxa nacional.

O Projeto Resposta, criado por Karine Vieira, também egressa do sistema prisional, surgiu em 2017, buscando oportunidades no mercado de trabalho para ex-presos.

Para Karine Vieira (2018), faltam oportunidades de reinserção ao egresso na sociedade, mas quando são dadas as chances o ex-detento a abraça e consegue mudar de vida.

O Resposta conta com a parceria de 14 empresas, tendo atingido de 2017 a 2022 mais de mil pessoas, realizando palestras, monitoramento e orientação profissional aos egressos, visando o seu crescimento na sociedade, como consta em seu *website* oficial (2022).

Andressa Augusto Ruiz, uma das contempladas pelo projeto, afirma:

Para mim é um troféu, sabia? Tenho todos os benefícios e todo mês eu tenho meu salarinho: pego em um dia, gasto no outro, mas pelo menos é um dinheiro honesto que rende.

A ONG (Organização Não Governamental) Bem-Querer disponibiliza, de forma gratuita pelo Projeto Construtores do Amanhã, cursos de hidráulica, construção civil e eletricitista para recém-saídos da Fundação CASA, com parcerias de empresas construtoras de São Paulo, ensinando situações reais de trabalho aos jovens.

Os alunos acolhidos pelo projeto possuem ajuda de tutores, profissionais já empregados na área de construção civil, por até 6 meses pós conclusão do projeto, propiciando assim maiores chances de crescimento profissional.

2.3 A realidade de jovens egressos em tempos atuais

Atualmente, ao ganhar a liberdade, o jovem, agora egresso da Fundação CASA, após o cumprimento das medidas socioeducativas equivalentes ao ato infracional cometido, retorna a sua antiga realidade. Segundo Costa e Alberto (2021), para que este jovem seja reinserido não só no mercado de trabalho, mas na sociedade em si, se faz necessário o apoio total da família, da escola, tal qual do Estado como agente de promoção de políticas sociais para que haja o distanciamento do crime, e muito além disso, a chance de construir e efetivar um projeto de vida.

Fomentar a construção de projetos de vida é fundamental para proteger o jovem, porque disponibiliza maior conhecimento da realidade, dos próprios limites e possibilidades, atrelados ao desejo pessoal. Faz-se necessário investir no tempo e aspirar à felicidade, mesmo diante de perdas sucessivas e histórias marcadas por eventos negativos. [...] adolescentes em conflito com a lei demandam apoio de figuras representativas para encorajá-los a vislumbrar trajetórias mais saudáveis e felizes. (BAQUERO, LEMES e SANTOS, 2011)

Entrevistas realizadas por Baquero, Lemes e Santos (2011) revelam que o egresso não encontra um cenário propício para o seu retorno à escola, instituição que desempenha papel fundamental na ressocialização e na construção de novos caminhos, tão pouco a sua introdução ou reinserção no mercado de trabalho. Isto se dá devido a diversos fatores como a falta de acolhimento por parte das escolas, levando-os muitas vezes a evasão escolar e conseqüentemente reduzindo suas chances de ingressar no mercado de trabalho formal.

Muitos são os estigmas sociais que estes jovens carregam consigo, fruto de uma sociedade que marginaliza e desacredita de uma possível regeneração por parte deles, como fica claro nos relatos de jovens egressos registrados por Marinho (2013), que tratam acerca da sua trajetória e de seus desafios pós passagem pela Fundação CASA.

A marginalização possui rosto, arcada dentária, vestimenta, vocabulário, cor, endereço e condição social. Ela vai assinalando seus signatários silenciosamente, determinando a cada um o “seu” lugar. (BAQUERO, LEMES e SANTOS, 2011)

Diante dos múltiplos desafios pós medidas socioeducativas, a arte surge como uma oportunidade de mudar de perspectiva, atuando como ferramenta essencial na criação de um projeto de vida.

2.3.1 Exemplos da arte como instrumento de ressocialização para egressos

Em entrevista ao programa “Provocações”, apresentado por Antônio Abujamra, na TV Cultura (2011), Asdrúbal Serrano - hoje dramaturgo, escritor e arte-educador -, falou a respeito do papel de transformação desempenhado pela arte em sua vida. “O que eu sonho com o teatro é que ele continue sendo essa ferramenta maravilhosa de libertação.” (SERRANO, 2011).

Serrano passou 14 anos na antiga FEBEM, tendo sido institucionalizado em 1973, junto com seus 3 irmãos aos 2 anos de idade, sofreu as torturas do sistema opressor da FEBEM na época da Ditadura Militar. Ele sempre questionava a realidade vivida, seu primeiro contato com a arte se deu através de aulas de violão na FEBEM. Mais tarde, aos 16 anos, participou de uma oficina de teatro promovida por um professor em uma escola pública que mudaria sua vida, assim se iniciava sua trajetória no teatro. Atualmente ele coordena grupos teatrais na periferia.

Ao ser entrevistado por Jô Soares, no Programa do Jô, Serrano (2008), falou sobre a carência de oportunidades para gerar a possibilidade de regeneração dos ex-detentos:

É até uma coisa nata minha (as habilidades teatrais), mas só foi potencializado porque pessoas me deram oportunidades. Esse negócio de se falar assim “Há não... qualquer bandido pode se regenerar!” Não, ele só vai se regenerar se ele tiver uma oportunidade. E eu tive uma gama de possibilidades. [...] então isso me deu essa força, essa potência, para acreditar que é possível a gente mudar! (SERRANO, 2008)

Assim como para Asdrúbal Serrano, a arte serviu como força motriz de transformação para outros, um dia privados de liberdade. Este é o caso de Robson Sanchez, egresso do sistema prisional e fundador da Estamparia Social, empresa que capacita egressos para empreender gerando uma fonte de renda

através do mercado têxtil. Segundo Eiras (2022), o projeto já alcançou 180 egressos e 68 deles já estão inseridos no mercado de trabalho.

[...] É uma questão de paz social, porque todo mundo pode estar sujeito a ser vítima da violência. E ninguém nasceu para ser bandido. As pessoas vão para o crime por falta de oportunidade. (SANCHEZ, 2022)

Mais um exemplo de mudança de realidade através da arte é a história de Leonardo Campos, que teve contato com as artes de forma mais ativa quando ainda estava detido, cumprindo pena por roubo de carro. De acordo com Nascimento e Tuchlinski (2019), foi na penitenciária Adriano Marrey, em Guarulhos, São Paulo, que Leonardo começou a atuar através de um grupo teatral formado por presos.

Graças a adaptação teatral de um filme feita dentro da penitenciária, após sair conseguiu um papel como ator na série Sintonia, da Netflix. Leonardo também aprendeu a compor músicas, escreve e toca violão, mas é ao teatro que credita a sua transformação: “Teatro é a vida lá dentro e salvou a minha. É um pequeno brilho de luz.” (CAMPOS, 2019).

A existência de casos como os citados acima, reafirma que disponibilizar apoio e oportunidades pode mudar a trajetórias de vida. Quando estes fatores são somados a arte, passam a ganhar ainda mais força, alcançando a vida de outras pessoas e marcando-as para sempre.

2.4 Entrevista

A presente entrevista foi realizada pela equipe deste Trabalho de Conclusão de Curso, em novembro/2022, representada por Anna Santos, Emilly Quirino e Isabela Monteiro. Os relatos coletados foram transmitidos por Davi “Makita” Almeida, egresso e exemplo de superação através da arte e resiliência diante das adversidades da vida. O entrevistado possui 19 anos de idade e atua como fotógrafo e diretor de arte. Além disso, está envolvido com as mais diversas manifestações artísticas, como a dança, o grafite, a música, a escrita, a moda, as artes plásticas, dentre tantas outras.

Esta entrevista tem como objetivo conhecer a realidade e trajetória do jovem pós Fundação Casa, buscando compreender de forma mais aprofundada, a influência exercida pela arte em sua reinserção social.

Com base no que foi apresentado em nesta pesquisa até aqui, algumas perguntas foram elaboradas e serviram de guia para esta entrevista. A seguir, o relato de Makita:

2.4.1 Passagem pela Fundação CASA e retorno pós medida socioeducativa

Makita passou três vezes pela Fundação CASA, cumprindo medida socioeducativa de internação nas unidades de Caieiras e Brás. Sendo a primeira aos treze anos de idade; a segunda entre seus quatorze e quinze anos de idade e a última vez com seus quinze anos já completos.

Quanto às suas passagens pela Fundação CASA e a sua relação com os funcionários, o entrevistado relata que o tratamento era frio e indiferente:

[...] O bagulho é comer e abaixa a cabeça, pelo menos na época que eu fiquei. Terminou de comer? Quem terminou de comer coloca o prato na frente e abaixa a cabeça. A diferença eu acho que da Febem pra uma casa de detenção de maiores é porque só tem criança na Febem, né? [...] os profissionais que trabalham lá dentro, principalmente a psicologia da Febem. É horrível, o pessoal tá nem aí pra nada. Pessoal queria nem tá lá, prestou concurso público pra outra coisa e caiu lá dentro, é complicado. (sic)

A respeito do acesso a escola durante o período de internação, ele relata não ter sido matriculado em uma sala de aula dentro da Fundação em nenhuma de suas passagens por lá. Já com relação aos cursos oferecidos pela Instituição ele conta que “tinha, já tive teatro, capoeira, tinham umas atividades pedagógicas, teóricas, mas era só o básico”, e em sua maioria oferecidos por voluntários, não pelo Estado; além disso, acrescenta que essas ações não contribuem de forma ativa para a integração ao mercado de trabalho.

[...] até existiam ações, mas nenhuma que me colocava para o mundo do trabalho, ou que colocasse na minha ficha: "não, esse daí é qualificado para o mercado". Acho que é por isso que a maioria que sai volta, assim como uma parte da minha vida foi sair e voltar. (sic)

Há uma expectativa do Estado de que o adolescente não volte a cometer atos infracionais, sendo reinserido na sociedade e no mercado de trabalho. No

entanto, segundo a experiência vivida por Makita, ao sair da Fundação CASA não existe um apoio significativo por parte da Instituição para uma inserção no mercado de trabalho, e a sensação que permanece é a de inadequação e rejeição, marcas deixadas pelo Sistema.

Porque depois que você põe o pé para fora, é outro mundo, seja você ficando 45 dias, 3 meses, 9 meses ou um ano. Toda vez que você põe o pé para fora, o mundo vai estar diferente, porque o mundo vai estar distante para você. Por exemplo, onde eu fiquei preso, não tinha televisão, tinha filme, mas não tinha TV, então o que acontece lá fora, eu não sei. (*sic*)

Frente a falta de apoio do Estado, ele aponta que é necessária muita força de vontade para criar suas próprias oportunidades. E que mesmo hoje, trabalhando e estando reinserido na sociedade, segundo ele, as pessoas em seu entorno sempre demonstram preconceito ao saber que cumpriu medidas socioeducativas por seus atos infracionais.

2.4.2 Rede de apoio

Ao ser perguntado sobre sua rede de apoio, o entrevistado declarou não ter tido muita ajuda da família, que passou a enxergá-lo com um olhar de decepção. Em suas palavras, ao ser internado, “foi como chegar no limite”. O apoio que era esperado de seus familiares, não foi correspondido, levando-o até mesmo a pensar em retornar a Fundação CASA, pois lá ao menos teria uma cama para dormir.

Em contrapartida, foi nos amigos que ele encontrou o apoio necessário para prosseguir, fazendo questão de citar diversas pessoas que o ajudaram em sua trajetória.

O Hugo, que foi o cara da fotografia, que disse: "Você não vai cair mais no crime não. Não vou deixar você cair de novo não porque os cara vai te comer." Minha tia Cláudia, que é como uma mãe pra mim, e vários outros manos aí, tá ligado? Que tavam comigo nessa trajetória, o Will, o Tela, o Mile, a Rauani, Edgar, G7, Luizinho da Batalha do Wifi, Marcola da Pista do Jaçanã do Skate. [...] Os caras que sempre deram mó apoio, falaram: "Caralho, cê é foda, vai atrás." Porque o apoio é isso, é quando você sente que as pessoas acreditam no seu potencial. [...] E acho que o mais foda é isso, que esse apoio veio da rua e não veio dentro de casa, tá vendo? (*sic*)

2.4.3 A conexão com a arte e o abandono do crime

Embora tenha tido contato com a arte quando tinha onze anos, por meio do curso de multimeios da Fábrica de Cultura de Jaçanã, e com o *break dance*, foi através da fotografia que Makita abandonou o crime.

Seu primeiro contato com a fotografia se deu quando ele ainda estava envolvido no tráfico de drogas. Makita mostra empolgação ao narrar a descoberta da fotografia. Conta que conheceu um homem que possuía uma câmera e logo se fascinou, decidiu que precisava aprender mais. A partir dessa época, entre 2018 e 2019, ele começou a trabalhar com a fotografia informalmente, com uma câmera emprestada da tia: “Aí eu abracei a fotografia, da fotografia veio o cinema, abracei o audiovisual inteiro”.

Afirma que a experiência de se envolver com a arte lhe trouxe a memória da época em que fazia curso na Fábrica de Cultura e ressalta a importância de projetos sociais voltados para os jovens: “digo que é essencial que tenha projetos sociais antes desse moleque ir pro crime, ou se ele estiver no crime, que afaste ele do crime”.

2.4.4 Acolhimento e identidade

Além abordar os projetos sociais como um dos meios de manter os jovens egressos longe da criminalidade, Makita mencionou também a necessidade de políticas sociais que deem acesso ao básico para a população periférica, muitas vezes alvo da marginalização.

Próximo ao final da entrevista, a fala a respeito de acolher e ajudar esses jovens a descobrirem sua identidade, a saberem quem realmente são foi uma das partes mais marcantes da entrevista.

A maior dificuldade de um menor que sai do crime é saber quem ele é realmente. Porque o crime dá uma fantasia pra ele. Então, quando o menor tiver uma oportunidade de se achar, que faça. Porque eu tive. [...] Não preciso mais de ódio, não preciso mais descontar essa raiva, porque eu sou bom. Não sei no que, mas sou bom. O que eu passei não me define. Nada que eu faço me define. Porque os atos não te definem, os fatos sim. E é um fato

que eu sou bom. E que toda a molecada consiga ver que são bons também. (*sic*)

Ao ser questionado sobre as maneiras pelas quais a sociedade pode oferecer ajuda a juventude egressa em sua jornada de autoconhecimento, ele respondeu: “Abraçando. Demonstrando amor. A primeira coisa que essa molecada tem que sentir é amor, ser acolhida. [...] Então como ajudar essas pessoas? Pelo amor.”

Fala que só reforça o que já foi mencionado por Ribeiro (2019), antigo conselheiro do Conanda, que diz que: “Ressocializar um adolescente é saber sobre ele, sobre o contexto de vida dele, construir vínculos para que a reeducação de fato aconteça.”

3. Considerações Finais

O artigo científico teve como objetivo geral o apontamento de soluções para a inserção de egressos da Fundação CASA no mercado de trabalho, através de ações sociais que incentivem o empreendedorismo na região sudeste do Brasil. No decorrer da nossa pesquisa, pudemos notar como a arte e o empreendedorismo social se provaram uma maneira viável de inclusão dos jovens egressos no mercado de trabalho.

Os objetivos específicos desta pesquisa – os quais incluíam: investigarmos a realidade atual da ressocialização destes jovens no mercado de trabalho; identificarmos possíveis padrões que interfiram na eficácia das medidas socioeducativas e; selecionarmos e conhecermos os principais projetos sociais que incentivem esses jovens a obterem renda através do Empreendedorismo – foram todos atingidos no decorrer do artigo.

Davi “Makita” Almeida, fotógrafo e diretor de arte, declarou em entrevista ao presente trabalho sua experiência ao passar pela Fundação CASA e a maneira como encontrou oportunidade dentro da arte para a sua inserção no mercado de trabalho, contribuindo para que a hipótese que levantamos – o empreendedorismo social e a arte podem mudar a realidade de um jovem que passou pela Fundação, facilitando sua inserção no mercado de trabalho – fosse confirmada.

Este trabalho procurou a verdadeira compreensão da problemática abordada e, embora saibamos que existam muitos outros aspectos a serem considerados e aprofundados, esperamos que esta pesquisa possa contribuir, não só para incentivar trabalhos futuros, mas principalmente para mudar uma realidade que é de tanta dor e falta de perspectiva, mas que pode ser diferente através da arte.

Referências

BAQUERO, R. V. A., LEMES, M. A., & SANTOS, E. A. dos. Histórias de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas: entre a margem e a superação. Rio Grande do Sul, 24 jul. 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7618>> Acesso em: 23 out. 2022.

BATISTA JÚNIOR, J.; BARROS, M. O dia a dia e as histórias da Fundação Casa, antiga Febem. Veja São Paulo, São Paulo, jun. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/fundacao-casa-febem/>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Boletim Estatístico Diário da Fundação CASA. Fundação Casa, São Paulo, jul. 2021. Disponível em: <<https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/boletins-2021/julho-2021/>> Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Lei N°8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069compilado.htm> Acesso em: 19 ago. 2022.

CAVALETTO, E. D. Fundação CASA (Antiga FEBEM), 7º Simpósio de Ensino de Graduação. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/7mostra/4/29.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2022.

Conheça | Gerando Falcões. Disponível em: <https://site.gerandofalcoes.com/conheca>. Acesso em: 7 set. 2022.

Construtores do Amanhã. São Paulo, 16 dez. 2018. Disponível em: <http://www.bemquerer.org.br/projetos/53-construtores-do-amanha.html>. Acesso em: 7 set. 2022.

COSTA, C. S. S.; ALBERTO, M. F. P. Projeto de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas. Paraíba, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3093/309367925005/html/#B26>> Acesso em: 26 out. 2022.

EIRAS, N. No corre pós-sistema: Egressos do sistema prisional combatem estigma da "ficha suja" com projetos que miram emprego e capacitação. Ecoa UOL, Lisboa, 24 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens->

especiais/egressos-lutam-contras-estigma-da-ficha-suja-com-ajuda-de-projetos/>
Acesso em: 28 out. 2022.

Guia Pronatec de Cursos FIC, set. 2012. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=18068-guia-pronatec-de-cursos-fic-2educacao-portaria-mec1232-2012&category_slug=agosto-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 7 set. 2022.

Instituto Recomeçar - Desenvolvimento pessoal, social e profissional para egressos do sistema prisional. Disponível em: <https://recomecar360.org/>. Acesso em: 7 set. 2022.

MARIA, Ana. De Febem a Fundação Casa. 23 maio 2012. Disponível em:
<https://envolverde.com.br/de-febem-fundao-casa/>. Acesso em: 19 set. 2022.

MARINHO, F. C. Jovens Egressos do Sistema Socioeducativo: Desafios à Ressocialização. Brasília, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13460/1/2013_FernandaCamposMarinho.pdf> Acesso em: 27 out. 2022.

MARTINS, Leonardo; ADORNO, Luís; COSTA, Flávio. Hematomas do cárcere. São Paulo, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/numero-de-funcionarios-demitidos-na-fundacao-casa-de-sp-por-maus-tratos-sobe-80-em-um-ano/>. Acesso em: 4 out. 2022.

MARTINS, Leonardo; FILHO, Herculano Barreto. Estado de SP é condenado a pagar R\$ 3 milhões por torturas na Fundação Casa. São Paulo, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/22/fundacao-casa-estado-sp-indenizacao.htm>. Acesso em: 4 out. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. MEC e Pronatec incentivam capacitação em sistema prisional, 27 mar. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/todas-as-noticias/33531-noticias/pronatec/62111-mec-e-pronatec-incentivam-capacitacao-em-sistema-prisional/>. Acesso em: 7 set. 2022.

NASCIMENTO, C. ; TUCHLINSKI, C. 'O teatro salvou a minha vida', diz ex-detento que atuou em Sintonia. O Estado de São Paulo. São Paulo, 16 set. 2022. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,o-teatro-salvou-a-minha-vida-diz-ex-detento-que-atuou-em-sintonia,70003012790>> Acesso em: 28 out. 2022.

OLIVEIRA, Andrea dos Santos. A Fundação CASA e o trabalho educativo escolar. São Paulo, 2010. Disponível em:
https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2010/andrea_dos_santos_oliveira.pdf. Acesso em: 16 set. 2022.

Pró-Egresso – Programas – Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania. Disponível em: <http://www.reintegracaosocial.sp.gov.br/pro_egresso.php>. Acesso em: 7 set. 2022.

Pró-Egresso material divulgação, mar. 2010. Disponível em:
http://www.sap.sp.gov.br/download_files/pdf_files/drsp/proegresso/proegresso_materia_l_divulgacao_11-03-2010.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

RESPONSA. Quem Somos. Disponível em: <http://responsa.pro/#quemsomos>. Acesso em: 7 set. 2022.

RODRIGUES, T. Asdrúbal Serrano - Entrevista Programa do Jô (3 de 3). Youtube, 1 mai. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHwHGolW90&ab_channel=TiagoRodrigues> Acesso em: 28 out. 2022.

ROSA, D. C. S. Programa Jovem Aprendiz: as contribuições da formação para inserção dos jovens egressos no mercado de trabalho. Sergipe, ago. 2021. Disponível

em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/15162/2/DENISE_CRISTINA_SILVA_ROSA.pdf>
Acesso em: 11 ago. 2022.

ROVARON, M. Fundação CASA: o passado ditatorial no cotidiano democrático? São Paulo, fev. 2017. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/149801/rovaron_m_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 20 ago. 2022.

SARINGER, Giuliana. Projeto ajuda ex-presos a voltarem para mercado de trabalho. São Paulo, 16 dez. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/projeto-ajuda-ex-presos-a-voltarem-para-mercado-de-trabalho-29062022>. Acesso em: 7 set. 2022.

SILVA, Gislaine Cordeiro da. Análise Social sobre a Fundação Casa. São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/viewFile/3722/3483>.
Acesso em: 19 set. 2022.

SILVEIRA, B. D. A arteterapia no sistema prisional brasileiro a partir da Gestalt-terapia. Rio Grande do Sul, dez. 2021. Disponível em:
<<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10713/TCC%20Bruna%20da%20Silveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 11 ago. 2022.

SODRÉ, L. Especial | a Febem não morreu. Brasil de fato. São Paulo, out. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-or-a-febem-nao-morreu#:~:text=Criada%20em%201976%20para%20atender,e%20in%C3%ADcio%20dos%20anos%202000>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SOUZA, Roberta Vanessa Pereira Aranha de. O ensino formal da Fundação CASA e a interdisciplinaridade como busca de sentido para um novo currículo. [S. l.], 8 fev. 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9641>. Acesso em: 12 set. 2022.

SPINELLI, K. C. Febem na contramão do Estatuto da Criança e do Adolescente. Revista Adusp, São Paulo, set. 2006. Disponível em:
<<https://www.adusp.org.br/files/revistas/38/r38a03.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2022.

SUDRÉ, Lu. A FEBEM não morreu. São Paulo, 11 out. 2019. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-or-a-febem-nao-morreu>. Acesso em: 10 set. 2022.

TAU, Felipe. O que é o ECA. 15 ago. 2018. Disponível em:
<https://livredetrabalho infantil.org.br/conteudos-formativos/glossario/eca/>. Acesso em: 4 out. 2022.

TOMASIKI, S. A palavra da FUNABEM, Agência Folhas – Coleção Psicologia, Ciência e Profissão, São Paulo, 1988. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/YFqf4Y7mbXwVS66msL7jfxr/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 28 ago. 2022

TV CULTURA. Antônio Abujamra entrevista o ex-interno da FEBEM e dramaturgo Asdrúbal Serrano (bloco 01). Youtube, 19 jul. 2011. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=IZligLaljuE&ab_channel=TV Cultura> Acesso em: 28 out. 2022.

WESTIN, R. Crianças iam para a cadeia no Brasil até a década de 1920. Agência Senado, São Paulo, jul. 2015. Disponível em:
<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>> Acesso em: 28 ago. 2022